

Vitor Rocha

O Mágico di Ó

Xilogravuras

Nireuda Longobardi

2ª edição, 2022



Texto © **Vitor Rocha**

Ilustração © **Nireuda Longobardi**

Diretor editorial

Marcelo Duarte

Projeto gráfico e diagramação

Estúdio Insólito

Diretora comercial

Patth Pachas

Consultoria

Marco Haurelio

Diretora de projetos especiais

Tatiana Fulas

Preparação

Cristian Clemente

Coordenadora editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Revisão

Vanessa Oliveira Benassi

Daniel Moreira Safadi

Assistentes editoriais

Olivia Tavares

Camila Martins

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R577m

Rocha, Vitor

O Mágico di Ó/Vitor Rocha; xilogravuras Nireuda Longobardi.
- 2. ed. - São Paulo: Panda Books, 2022. 104 pp.

ISBN: 978-65-5697-167-4 (estudante)

ISBN: 978-65-5697-165-0 (professor)

1. Ficção. 2. Teatro. 3. Literatura de cordel infantojuve-
nil brasileira. 4. Literatura infantojuvenil brasileira. I.
Longobardi, Nireuda. II. Título.

21-73784

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(81)

Bibliotecária: Camila Doniz Hartmann - CRB-7/6472

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 - São Paulo - SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

APRESENTAÇÃO

Eu acredito que quando você leu o título deste livro alguma coisa lhe pareceu familiar, não foi? Isso é natural, afinal *O Mágico de Oz*, a história que inspirou esta obra, é um clássico da literatura mundial que atravessou gerações: as aventuras de Dorothy Gale, desde o furacão que a levou para muito além do arco-íris, e de seus amigos tão divertidos e diferentes em busca da famosa Cidade das Esmeraldas.

Essa história chegou para mim quando eu ainda era bem pequeno e adorava ler com o meu pai antes de dormir. Só que preciso confessar que ela não foi uma daquelas que me agarrou pelo coração. E sabe o que eu penso sobre histórias que não nos agarram pelo coração? Que só nos resta colocar o nosso coração nelas – e para isso é preciso sempre muita coragem. Coragem o bastante para ver as coisas de um jeito diferente do que são, ou melhor, coragem para enxergar as coisas como nós somos e também para nos perguntar por dias e dias: “E se?”.

E se a Dorothy nunca tivesse visto um arco-íris, para onde ela gostaria de ir? E se ela vivesse em um lugar em que não passam furacões, o que faria a vida dela virar de cabeça para baixo? E se o lar de alguém não fosse o melhor lugar do mundo, ainda assim seria um lar? E se um mágico poderoso existisse de verdade no nosso mundo, quem ele seria ou o que faria? E se o acaso tivesse menos presença na nossa vida, seria coincidência estarmos mais presentes nela? Essas foram só algumas das perguntas que me inspiraram a recontar esta história com as minhas próprias palavras. Uma história que já foi narrada de muitos jeitos diferentes ao redor do mundo e ao longo do tempo, mas que desta vez será recontada de um modo jamais visto, único, como apenas eu posso contar: o meu.

E como o meu jeito tem muito de quem eu sou (e um pouquinho de quem eu quero ser), acabou que a paixão que eu sinto pela cultura do nosso país, pelo teatro e pela música não puderam ficar de fora. Dessa forma, as perguntas e a história se misturaram com o gênero dramático, dialogando com a literatura de cordel por meio das músicas que compõem a peça – formando uma peça de teatro musical. Assim, ficou divertido falar da vida rimando ou cantando cada palavrinha e mais fácil de me imaginar – e fazer você se imaginar – na pele de cada personagem desta aventura. Eu espero que, ao final da leitura, esta história agarre o seu coração, mas se ela não agarrar... Bem, você já sabe!

Vitor Rocha



PERSONAGENS

MARIA DOROTEIA, uma cabinha arretada.

MAMULENGO, um retirante que, no imaginário de Doroteia, não tem cérebro.

CABRA DE LATA, um retirante que, no imaginário de Doroteia, não tem coração.

LEÃO, um retirante que, no imaginário de Doroteia, não tem coragem.

TIO, um homem mais velho que, no imaginário de Doroteia, se torna a Bruxa Má.

TIA, uma senhora que, no imaginário de Doroteia, se torna a Bruxa Boa.

OSVALDO, um poeta que, no imaginário de Doroteia (e dele mesmo), se torna o Mágico di Ó.

TOTO, um cachorro muito gordo.

CENÁRIO

A história toda se passa em dois lugares: na caçamba de um caminhão pau de arara e no imaginário de Maria Doroteia.

CENAS

7 → CENA 1 **DESPEDIR**

13 → CENA 2 **RETORCER**

27 → CENA 3 **ACOMPANHAR**

35 → CENA 4 **PENSAR**

45 → CENA 5 **SENTIR**

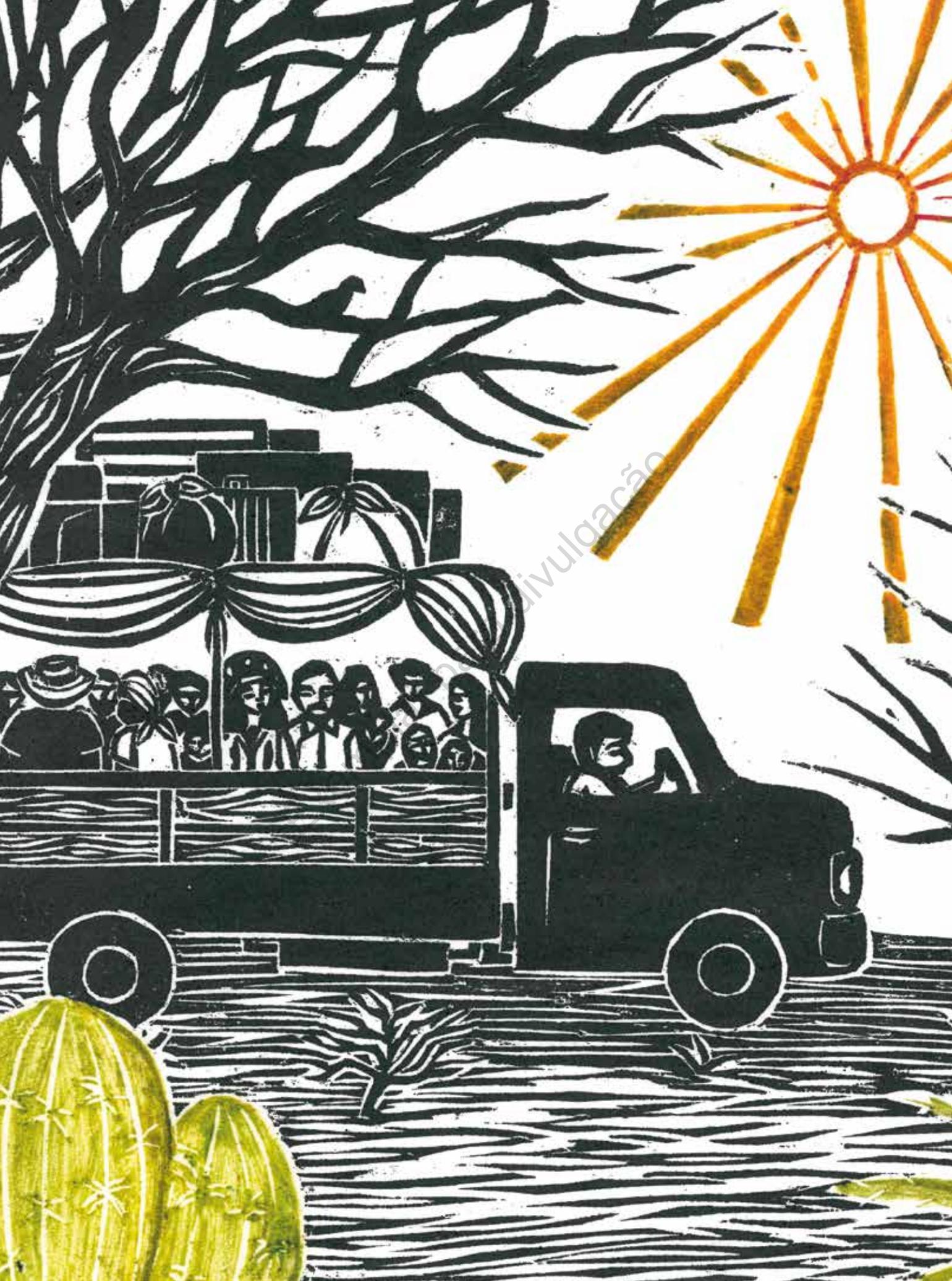
55 → CENA 6 **ESCOLHER**

59 → CENA 7 **QUERER**

69 → CENA 8 **DESCANSAR**

75 → CENA 9 **ACREDITAR**

87 → CENA 10 **CRER E SER**





CENA

1

♦ CENA 1 ♦

DESPEDIR

Juntos dos acordes de uma sanfona, as luzes se acendem gradativamente. Os personagens entram como retirantes e trazem os seus objetos de cena, que vão, aos poucos, compondo um caminhão pau de arara.

TIA: Eu vou contar uma história que eu não sei como começa. Eu vou contar uma história que eu não sei qual é o fim.

Eles estão se preparando para partir. A tia entra de um canto e vai até eles.

TIA: Até onde batem as asas desse pau de arara, seu moço?

MAMULENGO: Até ali pelas bordas de São Paulo.
(amarrando suas coisas)

TIA: Maravilha! E leva muito tempo?

CABRA DE LATA: Tempo é o que ele menos leva, minha senhora.
(passando, resmungando)

TIA: Vocês têm espaço pra mais três?

Eles se olham e depois fazem sinal de sim com a cabeça. Do canto, entra o tio, apressado e irritado, carregando malas e seguido de Doroteia, que está visivelmente triste e irritada, levando Totó nos braços.

TIO: Venha logo, Doroteia!

DOROTEIA: Eu já disse que eu não vou! Eu não quero ir!

TIO: A gente já teve essa conversa, chega de birra.

Ele tenta puxar o braço da menina, que não cede.

TIO: Vê se cresce, Doroteia!

DOROTEIA: Não!
*(firma os dois pés no
chão e diz alto)*

A tia escuta a bagunça e corre para ajudar.

TIA: Doroteia, por favor, escute o seu tio e pegue as suas coisas.

DOROTEIA: Mas, tia... Por que a gente tem que ir?

O tio e a tia se apressam e levam as malas para o caminhão. Doroteia assiste confusa. Eles puxam a menina pelo braço e levam-na para dentro do caminhão. Ela se depara com os outros retirantes, que a encaram.

TIA: Eu vou contar uma história que eu não sei se interessa, mas essa é nossa história e eu vou contar mesmo assim.

O Leão, que vinha por último, coloca sua trouxa em cima do caminhão e dá um tapa na lataria, sinalizando que estão todos prontos. O caminhão dá a partida, eles se acomodam, fazem preces e a música cresce.

TODOS:
(ao público)

Eu vou contar uma história
que eu não sei como começa.
Eu vou contar uma história
que eu não sei qual é o fim.

Eu vou contar uma história
que eu não sei se interessa,
mas essa é nossa história
e eu vou contar mesmo assim.

*A movimentação, a música e as luzes indicam
que eles estão viajando. Agitação.*

A cada adeus que dizia,
a cada nó que franzia,
e como só nunca ia,
juntou-se o pó e se criou poesia.

A cada adeus que dizia,
a cada nó que franzia,
e como só nunca ia,
juntou-se o pó e se criou poesia.

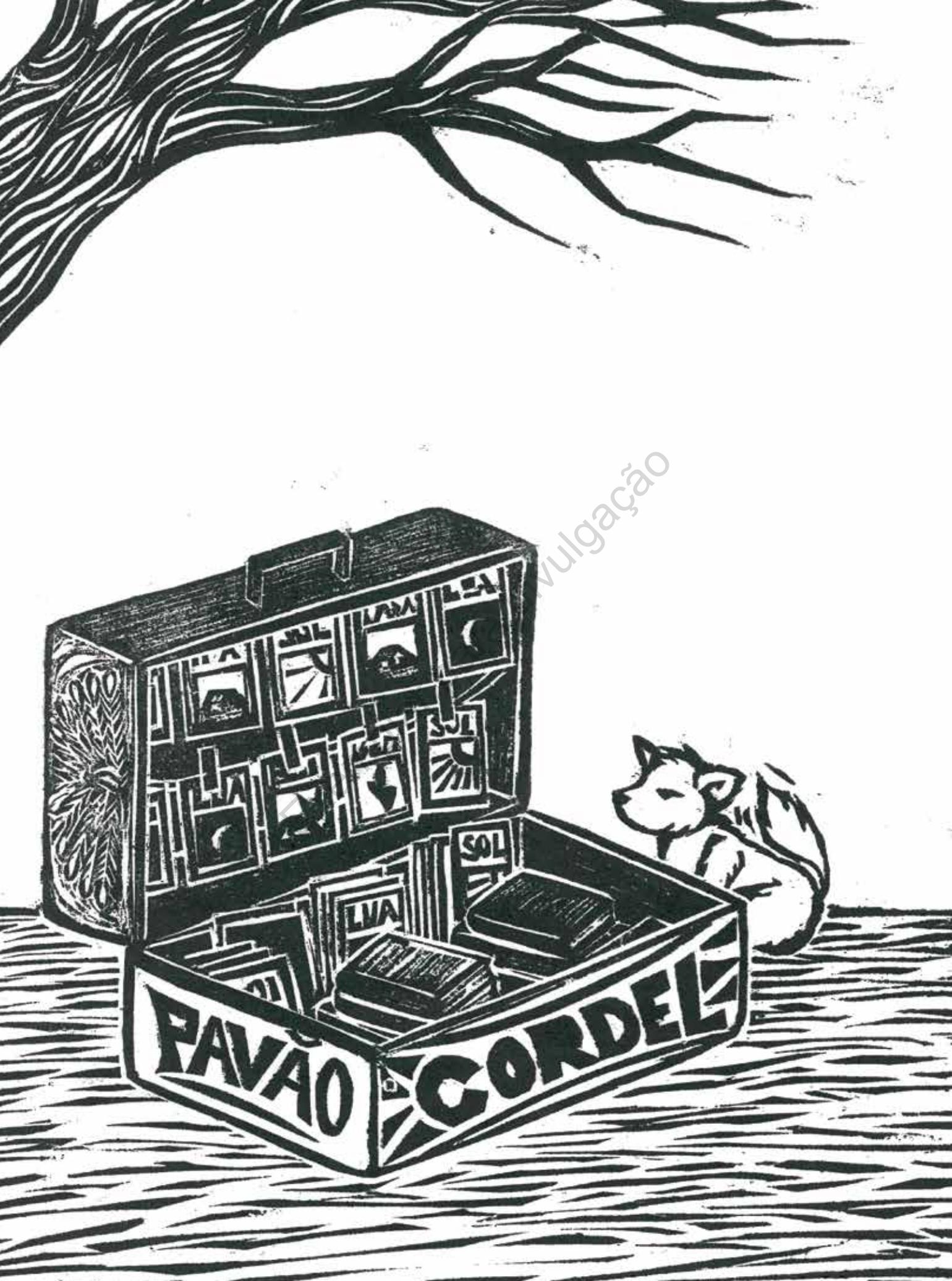
Tem que ser tão,
tem que ser tão,
tem que ser tão...

Eu vou contar uma história
que eu não sei como começa.
Eu vou contar uma história
que eu não sei qual é o fim.

Eu vou contar uma história
que eu não sei se interessa,
mas essa é nossa história
e eu vou contar mesmo assim.









CENA

2

◆ CENA 2 ◆

RETORCER

O caminhão pau de arara freia bruscamente e ouve-se o som de uma buzina estridente e demorada. Todos se assustam e descem desesperados. Osvaldo entra e dá a entender que foi ele quem se meteu na frente do caminhão e causou a bagunça.

MAMULENGO: Mas que diacho, rapaz! Tu já nasceu doido ou tá só ensaiando?

CABRA DE LATA: Tá querendo morrer, cabra? Saia da frente!

LEÃO: Eita, que as minhas tripas deram até uma afrouxada
(passando mal num canto) nesse forfé...

OSVALDO: Eu peço desculpa pela confusão. Não era nem de
(enquanto amarra suas coisas) longe a intenção, visse? Mas é que esse pau de arara faz muito barulho, vocês não iam é nunca me ouvir gritar.

TIO: E qual o motivo da gritaria e da ofegância?
(seco)

OSVALDO: Então, meu senhor, sabe o que é? Dá-se o caso que essas quatro rodas rendem bem mais do que o rastro roto e rancoroso dessas duas canelas tortas que têm me servido de viatura e...

LEÃO: Como é?
(confuso)

MAMULENGO: Ih, o cabra não fala a nossa língua. Tu vem de onde?
(aos outros)

CABRA DE LATA: Deixe de ser besta, cabra. Ele só quis dizer que também tá de viagem, mas só que tá indo a pé e nós, de caminhão, logo...

TIA: Oxente, cabra, essa enrolação toda por conta de uma carona? Pedisse logo de uma vez.

OSVALDO: Opa! Pois peço é já: pra que lado vocês vão?

MAMULENGO: São Paulo, capital!

OSVALDO: Oxente, vejam só se não é esse também o meu destino final?

LEÃO: É mesmo, é? Que coincidência...
(irônico)

O Leão se aproxima de Osvaldo, apertando os olhos e demonstrando desconfiança. Depois, puxa bruscamente os outros para um cochicho à parte.

MAMULENGO: Que foi, tonha?

LEÃO: A gente não conhece esse cabra, e se for um bandido?

MAMULENGO: É verdade! Isso pode ser uma arapuca, um assalto!
(se exalta)

CABRA DE LATA: E ele vai roubar o quê? A tua ideia, jumento? Porque se for, quem se lascou foi ele...

Eles percebem que Osvaldo está ouvindo tudo, e ele também sabe que foi notado.

OSVALDO: O meu nome é Osvaldo, bem, mas como tem muito Osvaldo, deram de me chamar de Osvaldo, filho da Rosinha. Como também tem muita Rosinha, decidiram me chamar de Osvaldo, filho da Rosinha, ex-mulher do Firmino. E como também tem muito Firmino, pode...

TIO: Pras bandas de cá não tem nenhum Firmino, nenhuma Rosinha e nenhum Osvaldo. Você é o único, portanto deixe de falatório que o primeiro nome já basta, visse?

OSVALDO: Tudo bem... Eu já entendi quem é o mandachuva do lugar, hein?
(sem graça, tenta fazer piada)

LEÃO: Mandachuva?

Todos gargalham, menos Doroteia. Osvaldo percebe.

TIO: Se alguém aqui soubesse mandar qualquer gotinha de chuva que fosse, meu filho, a essa hora a gente tava ouvindo a sua ladainha dentro de uma piscina, e não na estrada.
(caçoa)

OSVALDO: Tá certo... Mas então, posso ir?

Todos se olham e balançam os ombros.

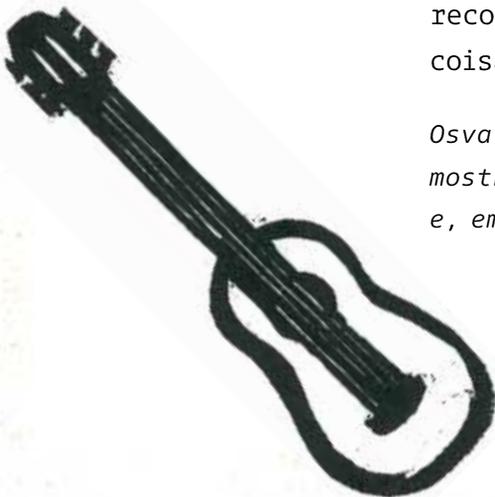
OSVALDO: Vou entender que sim e lhes dedicar uma gratificação das profundezas cardíacas do meu ser.

MAMULENGO: É o quê?

CABRA DE LATA: Ele está agradecendo do fundo do coração.

OSVALDO: Eu agradeço e ainda ofereço uma história como recompensa, então. Nos tempos de hoje, é a única coisa que um versador anda podendo oferecer.

Osvaldo, depois de uma reverência, abre sua mala e mostra dezenas de cordéis. Todos olham encantados e, em seguida, começam a voltar para o caminhão.



MAMULENGO: Oxente, agora eu entendi a esbanjação de palavra,
(ao público) o estoque é grande...

CABRA DE LATA: Escute aqui, meu amigo, passando a placa que diz
"São Paulo, capital" é um beijo, cheiro e tchau,
tchau. Visse?

OSVALDO: Tá acertado! Muito obrigado, senhores.

TIO: Suba sua mala e se ajeite que já perdemos tempo
demais. Vamos, Doroteia!

*Todos os outros saem de cena. Doroteia acaricia Totó
sozinha, e Osvaldo, depois de observar um pouco,
se aproxima.*

OSVALDO: Qual é o nome do danado?

DOROTEIA: É Totó.

OSVALDO: Desse tamanho, deveria se chamar Baleia...

Ele tenta outra vez.

OSVALDO: Eu poderia lhe perguntar por que é que a cabinha
está com essa cara de quem viu o vento cair?

DOROTEIA: Desde quando o vento cai?
*(resmunga, quase
sozinha)*

OSVALDO: A todo momento! Agora, por exemplo, veja!

Ele assopra o rosto dela.

OSVALDO: Ah não, você piscou bem na hora!

Doroteia sorri, mas murcha rapidamente.

OSVALDO: Oxente, como é difícil pendurar uma rede nas tuas
orelhas, menina.

DOROTEIA: De que adianta pendurar uma rede se eu não posso me deitar? Tenho que ir embora...

OSVALDO: Ora, pense que a partida não teria esse nome se durasse a vida toda, é apenas uma parte dela. Uma parte da vida que se zanga e amarga por ficar pra trás... E o que é se despedir senão dizer um pedido da alma quando quer mais?

Doroteia encara Osvaldo como se estivesse processando o que ele disse. Ele sorri.

DOROTEIA: Você se retorçe todo pra falar de coisa tão miúda.

OSVALDO: Eu me retorço, pois torço pelo triunfo da miudeza! E outra, se nesse mundo um grão de areia pode ser pérola, os incômodos de um cabra são, no fim, a sua maior riqueza... inclusive, as tristezas!

DOROTEIA: Seu Osvaldo, o senhor acha mesmo que, só porque rima, o que diz faz sentido?

OSVALDO: Não, na verdade eu rimo que é de tanto sentir.

Um curto silêncio. Eles se olham.

DOROTEIA: E como é essa história de oferecer uma história?
(curiosa)

OSVALDO: Ué, menina, é o que eu tenho de mais valioso.
(mostrando a mala de cordéis)

DOROTEIA: E por que o senhor daria pra alguém o que tem de mais valioso?

OSVALDO: É que nesse caso, na verdade, eu nem dou... Eu só empresto.

DOROTEIA: Então, quem faz negócio com o senhor fica de mãos abanando...
(*desconfiada*)

OSVALDO: No calor que faz aqui, ter as mãos livres pra se abanar às vezes é bem bom, num é?
(*com ar misterioso*)

DOROTEIA: Isso aí é coisa de malandro!

OSVALDO: Malandro, não! Tenha respeito.
(*ofendido*)
Eu sou poeta, versador, cantador e dramata. Carrego dentro de mim um mundo que não alcança a vista.
O meu ofício não é a pena, não é a rima nem a gravura.
É pro mal da alma que eu ofereço a cura.
Diga logo, cabinha, aceita a minha oferta ou não? Vai querer a minha história ou a devolvo ao coração?

DOROTEIA: Seu Osvaldo, eu não quis lhe ofender, mas o que eu vou fazer com uma história?

OSVALDO: O que fazer com uma história?
É à toa se perguntar
e nem um pouco inteligente.
É bem melhor se preparar
pro que uma história faz com a gente.

DOROTEIA: Oxe, por quê?

OSVALDO: Eita, ferro!
Uma criança, sem esperança
nem vendo graça no meu rimar?
Só me faz crer que realmente
o fim dos tempos
já tá vindo pras bandas de cá!

DOROTEIA: Ei, ei, pode parar! Eu não sou besta, não quero uma história rimada, inventada... Se você vai contar, eu quero uma história real!
(interrompe a empolgação de Osvaldo)

OSVALDO: Uma história, enquanto se conta, pertence sempre ao momento atual. Bom, tudo bem, cabinha, então vou lhe dar uma história de verdade. Mas não se esqueça que a realidade é uma coisa muito relativa. Voar, pra gente, é impossível e mamão com açúcar pra patativa.

DOROTEIA: Feito!

Eles apertam as mãos e a música começa. Durante o musical, fantasia e realidade começam a se misturar à medida que Doroteia passa a acreditar na história.

OSVALDO: Eu vou contar uma história
(canta) que eu não sei como começa.
Eu vou contar uma história
que eu não sei qual é o fim.

Eu vou buscar na memória
e vou rimando sem pressa,
pois quando falo do mundo
revelo o que há em mim.

DOROTEIA: Oxente, você nem sabe a história que vai contar?

OSVALDO: Eu sei a história que vou contar, o que eu não sei é a história que você vai ouvir.

História boa de se contar
é conto que a gente não conta só.
É de braço dado, de laço e nó
que a linha da vida fica maior.

Conto com você pra me ajudar.
Sorte nessa vida é compartilhar.
É aí que mora, ai, ai, ai... o borogodó!

Os outros rapazes cantarolam junto de Osvaldo.

DOROTEIA: Eu? Como eu vou ajudar a contar a história?

OSVALDO: É sobre isso mesmo que fala essa lenda. A história do Mágico di Ó!

DOROTEIA: Mágico? Tenha dó!
(desanima)

OSVALDO: Como é?

DOROTEIA: Isso não existe...

OSVALDO: Sabe que, falando assim, tu fica até meio parecida com a protagonista?

DOROTEIA: Fico, é?
(se interessa)

OSVALDO: Sim, o jeito, o cabelo, o sorriso e até os pulmões lembram um pouquinho. Ela é uma cabinha arretada, muito descrente da vida... Mas ela não tem culpa! E eu sei que, lá no fundo, ela sonha com uma coisa muito especial.

Lá no fundo todo mundo traz consigo um sonho, uma vontade de querer ser. Quem disser que não é que tá mentindo, ou então precisando parar pra ver...

Todos em volta começam a aparecer para Doroteia como os personagens de sua imaginação, porém de forma rápida e confusa. A realidade e a imaginação começam a se cruzar cada vez mais.

OSVALDO: Preste atenção, Doroteia, é preciso fechar os olhos pra ver direito, ou melhor, pra ver como quiser ver...

DOROTEIA: Agora ele vai dizer que essa história se passa num reino encantado...

OSVALDO: Exatamente! Uma terra cheia de magia, berço da arte e de tanta história bonita... Um reino encantado, porém enfeitado por uma maldição!

DOROTEIA: Que maldição?
(curiosa)

OSVALDO: Uma maldição que levou toda a água dessa terra embora e ali fez ser um lugar tão sofrido, ser tão amargo e ser tão triste, que lhe deram o nome de Ser-tão.

Doroteia olha em volta, encantada.

OSVALDO: Eu vou lhe pedir pra não enxugar o choro que talvez venha por aí. O que nosso cenário mais carece é de alguém que o regue pra florir e pra viver aqui.

Tem que ser tão firme,
tem que ser tão forte,
onde sonhar é crime
e esperar é morte.

Tem que ser tão duro,
tem que ser tão bravo,
onde não tem futuro.
O sonho nasce escravo.

Tem que ser tão,
tem que ser tão,
tem que ser tão...

Veja só que ironia, até mesmo a sede por felicidade foi-se embora, o povo foi-se embora. E a esperança ficou lá fora no portão batendo palma, pedindo pra entrar. Mas ninguém mais vê razão pra acreditar, nem mesmo a protagonista...

Todo o imaginário de Doroteia já está pronto. Ela está a um passo de acreditar na história.

DOROTEIA: Mas você disse que ela sonhava com alguma coisa muito especial!
(hesita)

OSVALDO: E sonha!

DOROTEIA: Com o quê?

OSVALDO: Me diga você que parece ser tão parecida com ela.

DOROTEIA: Eu? Eu não sei!
(confusa)

OSVALDO: Que pena! Então parece que a história termina aqui...

Oswaldo encara Doroteia, e todos os outros personagens começam a pulsar junto com a música, quase como se insistissem para que ela acreditasse.

DOROTEIA: Eu vou contar uma história que eu não sei como começa. Eu vou contar uma história que eu não sei qual é o fim.
(aperta os olhos e tenta não se julgar)

Doroteia abre os olhos e, enfim, acredita. Tudo é sonho e cor. Ela sorri.

Eu vou contar uma história
que eu não sei se interessa,
mas essa é nossa história
e eu vou contar mesmo assim.

*O crescente da música começa a bagunçar tudo.
Doroteia se diverte com todos como se brincassem de
maracatu. A confusão aumenta e se transforma em um
furacão que transporta ela e o público para dentro
de sua cabeça.*









CENA

3

◆ CENA 3 ◆

ACOMPANHAR

Doroteia agora está sozinha, mas ainda não percebeu isso. Empolgada com o universo que Osvaldo lhe apresentou, corre de um lado para o outro.

DOROTEIA: Eu já sei o que ela quer! Seu Osvaldo, eu já sei!
(ofegante) Seu Osvaldo?

Percebe-se sozinha.

DOROTEIA: Seu Osvaldo! Ué, cadê? Seu Osvaldo! Tia? Tio! Oxente, Totó, onde é que a gente veio parar? Cadê todo mundo?

BRUXA BOA: Olá, Doroteia!
(surgindo de repente)

DOROTEIA: Valha-me Deus! O-o que é você?
(num susto)

BRUXA BOA: Eu estou aqui para lhe ajudar. Diga-me como!

DOROTEIA: Como?

BRUXA BOA: Não, minha flor de mandacaru, eu quis dizer que você pode me dizer uma forma de lhe ajudar. Do que é que você precisa? O que você quer aqui?

DOROTEIA: Onde é que eu tô?

BRUXA BOA: Onde você queria estar.

DOROTEIA: Em casa? No meu sertão.
(olha em volta)

BRUXA BOA: Exatamente!

DOROTEIA: Exatamente onde eu queria estar.
(feliz)

BRUXA BOA: Ah, pois pronto! E viveu feliz para sempre. Fim!
(ao público)

DOROTEIA: Não! Eu *queria* estar, mas não posso.
(interrompe)

BRUXA BOA: Não pode?
(confusa)

DOROTEIA: Não! Eu estava agorinha mesmo num caminhão
(nervosa, começa a explicar) pau de arara...

BRUXA BOA: Agora?

DOROTEIA: Sim, eu tenho de ir pra São Paulo, pois se diz que lá a vida é melhor, mas só que...

BRUXA BOA: Melhor?

DOROTEIA: Sim, diz-se que a terra de lá não é tão seca e...
(cansada de ser interrompida)

A Bruxa Má surge num estrondo, as duas se assustam.

BRUXA MÁ: Diabo do meu ódio! Mas que ruge-ruge é esse aqui?

As bruxas se afastam de Doroteia, uma de cada lado, e deixam a menina ao centro, onde fica a estrada de tijolinhos.

BRUXA BOA: Vê lá se carece de gritar, ô espiritada!
(apontando a varinha)

BRUXA MÁ: Quieta, estrupício, que o meu papo é com a perebinha.
(ameaça com a vassoura)

DOROTEIA: Perebinha?
(*ofendida*)

BRUXA BOA: Cuidado, Doroteia!
(*protege*)

DOROTEIA: Cuidado por quê?
(*se assusta*)

BRUXA MÁ: Tome tento e penteie esse cabelo antes de arrebitar essa língua pra mim, menina. Toda desgrenhada... Chegou no tombo de um furacão, foi?

DOROTEIA: Desde quando furacão leva tombo?
(*firme*)

BRUXA BOA: Doroteia!
(*pedindo calma*)

BRUXA MÁ: Deixe de ficar pajeando! Vamos, menina, diga logo, tu é uma bruxa boa ou uma bruxa má?

DOROTEIA: Eita, lasquêra! Eu não sou bruxa nenhuma, sou só a Maria Doroteia, dona. Eu estava a caminho de São Paulo junto do meu tio, da minha tia e de mais uns moços num caminhão pau de arara.

BRUXA BOA: E quer ajuda para ir embora...
(*conclui*)

DOROTEIA: Sim! Quer dizer, não!
(*sorri*)

(*confusa*) Na verdade, eu não quero ir. Eu gosto daqui, sabiam?

BRUXA MÁ: Oxente, uma hora quer, outra hora não quer...
(*resmungo*) Decida, menina!

DOROTEIA: Eu queria mesmo é que a gente nunca... Um minuto! Você disse que poderia me ajudar!

BRUXA BOA: E posso! Diga-me do que você precisa e eu lhe darei!

DOROTEIA: Então, dona, eu careço mesmo é de um chuvão
(tagarela) daqueles com raio e tudo, um chuvão que lave e leve tanta tristeza e sofrimento. E depois desse chuvão, um arco-íris que cruze o céu inteirinho, de cabo a rabo, assim ninguém vai ter de ir embora. Entende?

BRUXA BOA: Eu sinto muito, um chuvão eu não posso lhe dar.

DOROTEIA: Oxente!

BRUXA BOA: Mas eu sei quem pode: o incrível e poderoso Mágico di Ó!

DOROTEIA: Ah, sim! Eu já ouvi falar dele! O Mágico di Ó!
(como se lembrasse)

BRUXA MÁ: Aquilo é malandro que só...
(cochicha)

DOROTEIA: Como é?

BRUXA BOA: *Shhh!* Não dê ouvidos a ela, Doroteia.

BRUXA MÁ: Não me censure, mocreia!

DOROTEIA: Oxente!
(apartando a briga)

BRUXA BOA: Se você quer de verdade um chuvão, só mesmo ele pode lhe ajudar.

DOROTEIA: E onde fica o arretado e poderoso Mágico di Ó?

BRUXA MÁ: Fica bem longe, bem depois da ideia torta, onde se guardam os arrepios e o que sobra da loucura, atrás das brenhas, logo depois das bimbocas. É melhor caçar seu rumo e ir deixando de frescura.

DOROTEIA: É sério? A gente demora tanto assim a chegar?
(hesita)

BRUXA MÁ: A gente?
(numa gargalhada)

BRUXA BOA: Esse caminho só se enfrenta é sozinho.
(lhe oferece um par de sapatos) Eu não posso lhe acompanhar,
mas te ofereço um sapatinho.

Segue com fé,
nunca o tire do pé.
Ele vai te proteger
enquanto andar no tijolinho.

Doroteia calça os sapatinhos ainda confusa.

DOROTEIA: No tijolinho?

BRUXA BOA: Sim, Doroteia, basta seguir a estrada de
tijolinhos amarelos e você encontrará o grande e
arretado Mágico di Ó!

BRUXA MÁ: Mas fica esperta, abre teu olho e não dá brecha,
(botando medo) que o sertão assim sozinho pode até se aumentar,
e de repente você se vê embolada.

Tão pequena e indefesa,
ninguém pode lhe salvar!

DOROTEIA: Eu não sei se essa é a melhor ideia, talvez eu..
(amedrontada)

BRUXA BOA: Não duvide, lembre-se sempre do que eu disse,
(repreende) mas também não se esqueça do que aquela ali falou.
Tome teu rumo, pegue a estrada,
mas divida a caminhada
com qualquer um cuja vida se desbotou.

Você vai trilhar o caminho sozinha, Doroteia, mas
eu vou te acompanhar sempre...

BRUXA MÁ: E eu também!

DOROTEIA: Como?

BRUXAS: Toda história tem dois lados,
(se enfrentando) toda glória, um “apesar”.
Na sucedência dos seus atos,
nós vamos sempre lembrar.

BRUXA MÁ: Vou te lembrar das coisas ruins,
vou te mostrar dificuldade,
dizer onde o sapato aperta.

DOROTEIA: Pra quê tanta maldade?
(incomodada)

BRUXA BOA: E eu vou mostrar o lado bom
de cada coisa que vier.
Mas cê não pode duvidar,
não pode perder a fé.

BRUXA MÁ: Fé...
(zomba)

DOROTEIA: Como é?

BRUXA BOA: Eu vou sempre lhe lembrar dos bons motivos e ela só vai ser servir pra lhe dizer asneira. Lembre-se sempre, no fim o medo e o sonho querem da gente a mesma coisa, mas cada um vem buscar à sua maneira.

A Bruxa Boa aponta a estradinha, e Doroteia olha para as duas.

BRUXAS: E quem vence essa batalha
quem decide é você.

BRUXA BOA: Se ela vai voar de rodo...
(ameaçando a outra)

BRUXA MÁ:
(numa gargalhada
aterrorizante)

... ou se o mal vai prevalecer.

*As bruxas saem, e Doroteia observa em volta.
Olha para os pés e respira fundo para começar
a seguir a estradinha.*

DOROTEIA: Bom, Totó, eu acho melhor a gente ir, num é?

(cantarola sonhando) Eu vou seguindo, então, meu tijolinho,
querendo ver onde é que isso vai dar.
Vai chover muito, vai chover bonito,
vai que até a asa-branca vai ter que nadar.









CENA

4

◆ CENA 4 ◆

PENSAR

Doroteia está caminhando sozinha quando ouve um som parecido com o de um aboio. É o Mamulengo, que está preso, fingindo-se de morto e tentando assustá-la.

DOROTEIA: Que barulho foi esse?

Ele repete o som.

DOROTEIA: Você ouviu isso, Totó?
(assustada)

Ele repete o som.

DOROTEIA: Quem tá aí?
(grita e demonstra medo)

MAMULENGO: Volte para o buraco de onde tu veio, menina!

O Mamulengo começa a se erguer atrás de Doroteia sem que ela perceba.

DOROTEIA: Eu num arredo o pé daqui!

MAMULENGO: Não?

DOROTEIA: Não! E dê as caras se tu for homem, cabra! A gente resolve isso em dois palitos!
(firme, mas se borrando)

MAMULENGO: Qual é o teu problema, hein, menina?
(desmontando-se)

Doroteia grita, assustada com o tamanho dele, e ele grita assustado com o grito dela.

- DOROTEIA:** Quer me matar do coração?
- MAMULENGO:** Sim!
- Tentando botar medo outra vez.*
- MAMULENGO:** Mu-ha-ha-ha!
- DOROTEIA:** Ih, Totó, o coitado é abilolado!
(à parte)
- MAMULENGO:** O que é que tu tá cochichando de mim?
- DOROTEIA:** Se eu quisesse que tu ouvisse, num tava cochichando!
- MAMULENGO:** Menina, tu é metida a besta...
- DOROTEIA:** E tu é uma besta.
- MAMULENGO:** Você sabe com quem tá falando?
- DOROTEIA:** Ih... Quando a pessoa diz uma frase como essa, a gente já sabe que num vale nem a pena saber.
- MAMULENGO:** Eu sou o maior boneco de mamulengo dessa região..
(se gabando)
- DOROTEIA:** E também o único.
- MAMULENGO:** Respeite a minha história!
- DOROTEIA:** Quem te falou que você é o maior mamulengo da região? Num tem ninguém aqui!
- MAMULENGO:** Exatamente, eu chispei com todo mundo. Esse foi o meu destino desde a criação. Fui botado aqui pra espantar os bichos da plantação. Tu tá vendo algum bicho, algum passarinho, alguma asa-branca, algum assum-preto?

DOROTEIA: Não.

MAMULENGO: Pois então está provada minha competência, visse?

DOROTEIA: Ei! Espere um minuto! Você acha que foi o responsável? Que você espantou todo mundo daqui? O que você tem na cabeça?

MAMULENGO: Palha!
(grosso)

DOROTEIA: Tu não espantou ninguém, Mamulengo.
(rindo)

MAMULENGO: Quanta dificuldade em reconhecer o feito dos outros... Só diz "parabéns" e pronto! Menina orgulhosa...
(ofendido)

DOROTEIA: Não é isso. É que... Não foi você.
(delicada)

MAMULENGO: Então quem foi? Fala que a gente sai no braço e já resolve agora quem é o melhor...
(procurando por algum inimigo)

DOROTEIA: Foi a maldição.

MAMULENGO: Maldição?

DOROTEIA: A maldição que levou toda a água embora daqui, e junto com a água, a esperança também se escafedeu.

MAMULENGO: Hein?
(confuso)

DOROTEIA: Depois da maldição, aqui não era mais um lugar fácil de se viver, então todo mundo foi embora. As pessoas, os bichos...

*O Mamulengo se desmonta quando aceita a verdade.
Doroteia se compadece.*

MAMULENGO: Que maldição o quê, fuleiragem! Eu espantei até as plantas!

DOROTEIA: Não, Mamulengo, não foi você. As plantas morreram. É que você é feito de palha e não carece de água, então nem deu falta de que... *(Ela percebe)* É isso! Você é feito de palha!

MAMULENGO: Eita, macho véio, tu é lesa hein, menina? Já falei umas três vezes...

DOROTEIA: Não, fuleiragem! É que isso explica tudo!

MAMULENGO: Eu não tô entendendo é nada.

DOROTEIA: Exatamente!

É daí que brota tanta ignorância.
Já entendi as faltas de educação
e essa mania de gostar de violência.
Agora tudo apresenta explicação.

Você tem palha na cabeça
e o que diz nem é por mal.
Só quem tem palha na cabeça
pode achar isso legal.

MAMULENGO: Como é?

DOROTEIA: Eu já me liguei, seu Mamulengo, mas se despreocupe, que não é sua culpa, pois...

(cantando) Quem não estuda,
quem não lê,
quem não procura,
quem não corre atrás de se informar
é obrigado a acreditar no que lhe contam.
E um cabra assim é um cabra fácil de enganar.

Você só acreditou no que lhe contaram. Não é bicho ruim, só é ignorante!

Doroteia sorri, e o Mamulengo se zanga.

MAMULENGO: Escute aqui, menina,

Eu tenho palha na cabeça,
e esse pode ser o meu defeito.
Eu tenho palha na cabeça,
mas isso não lhe deixa no direito
de achar que sabe mais, que sabe tudo
e que atrás de tanta palha só existe um bobalhão.
Tu me respeite e vá deixando de bestagem,
se não eu sou obrigado a lhe dar uma li...

DOROTEIA: *SHH!* Eu já tenho a solução!
(levanta a voz)

MAMULENGO: Hein?

O Mamulengo, que estava pronto para a briga, não entende o que Doroteia vai fazer e se confunde inteiro.

DOROTEIA: Preste atenção, seu Mamulengo, meu nome é Doroteia. Eu estou indo ao encontro do arretado e poderoso Mágico di Ó pedir a ele que me ajude a trazer a chuva pra cá. Assim, ninguém vai ter que ir embora e eu finalmente vou poder ver um arco-íris cruzando o céu. Por que você não vem comigo?

MAMULENGO: Eu? Por quê?

DOROTEIA: Oxente, se o Mágico é capaz de me ajudar com algo gigante, do tamanho do céu, ele também pode te ajudar com uma coisa mindinha como um cérebro nessa sua cachola!